

LAURENT BINET

HHhH

Tradução
Paulo Neves



Copyright © 2009 by Éditions Grasset & Fasquelle

Cet ouvrage a bénéficié du soutien des Programmes d'aide à la publication de CulturesFrance/Ministère Français des Affaires étrangères et européennes.

Este livro, publicado no âmbito do Programa de apoio a publicação da CulturesFrance, contou com o apoio do Ministério Francês das Relações Exteriores e Europeias.

Ouvrage publié avec le concours du Ministère Français chargé de la Culture – Centre National du Livre.

Obra publicada com o apoio do Ministério Francês da Cultura – Centro Nacional do Livro.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original

HHhH

Capa

Elisa v. Ransom

Preparação

Silvana Afram

Revisão

Marise Leal

Huendel Viana

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Binet, Laurent
HHhH / Laurent Binet ; tradução Paulo Neves — 1^a ed. —
São Paulo : Companhia das Letras, 2012.

Título original: HHhH
ISBN 978-85-359-2060-4

1. Literatura francesa 2. Romance histórico I. Título.
12-01205 CDD-843

Índice para catálogo sistemático:
1. Romance e histórico : Literatura francesa 843

[2012]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORASCHWARZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

PRIMEIRA PARTE

De novo o pensamento do prosador põe manchas na árvore da História, mas não cabe a nós descobrir a artimanha que permitiria recolocar o animal na sua jaula portátil.

Óssip Mandelstam, “O fim do romance”

Gabčík é seu nome, é um personagem que realmente existiu. Teria ele ouvido, lá fora, atrás das janelas de um apartamento mergulhado na obscuridade, sozinho, estendido num pequeno leito de ferro, teria ele escutado o rangido muito reconhecível dos bondes de Praga? Quero crer que sim. Como conheço bem Praga, posso imaginar o número da linha do bonde (mas talvez tenha mudado), seu itinerário e o lugar onde Gabčík, deitado, atrás das janelas fechadas, espera, pensa e escuta. Estamos em Praga, no ângulo das ruas Vyšehradská e Trojíčka. O bonde nº 18 (ou 22) parou diante do Jardim Botânico. Estamos, sobretudo, no ano de 1942. Em *O livro do riso e do esquecimento*, Kundera dá a entender que se envergonha um pouco de ter que batizar seus personagens, e embora quase não se perceba essa vergonha em seus romances, repletos de Tomas, Tamina, Tereza, existe aí a intuição de uma evidência: que há de mais vulgar do que atribuir arbitrariamente, por um cuidado pueril de efeito de realidade ou,

no melhor dos casos, por simples comodidade, um nome inventado a um personagem inventado? Kundera deveria, em minha opinião, ter ido mais longe: de fato, que há de mais vulgar do que um personagem inventado?

Quanto a Gabčík, ele realmente existiu e era a esse nome que respondia (embora nem sempre). Sua história é tão verdadeira quanto excepcional. Ele e seus companheiros são, a meu ver, os autores de um dos maiores atos de resistência da história humana e, incontestavelmente, da mais alta façanha de resistência da Segunda Guerra Mundial. Há muito eu desejava homenageá-lo. Há muito o vejo, estendido nesse pequeno quarto, de janelas fechadas e vidraça aberta, escutar o rangido do bonde que para diante do Jardim Botânico (em qual sentido? não sei). Mas se ponho essa imagem no papel, como sorrateiramente estou fazendo aqui, não estou certo de homenageá-lo. Reduzo esse homem à condição de um vulgar personagem, e seus atos, à da literatura: alquimia infame, mas que posso fazer? Não quero arrastar essa visão a vida inteira sem ter ao menos tentado restituí-la. Espero simplesmente que, por trás da espessa camada refletora de idealização que vou aplicar a essa história fabulosa, o espelho de duas faces da realidade histórica ainda se deixe atravessar.

Não sei exatamente quando meu pai me falou a primeira vez dessa história, mas lembro de vê-lo pronunciar, no meu quarto de um apartamento alugado, as palavras “partisans”, “tchecoslovacos”, talvez “atentado”, com muita certeza “liquidar”, e depois esta data: “1942”. Eu havia descoberto em sua biblioteca uma *História da Gestapo*, escrita por Jacques Delarue, e começara a ler algumas páginas. Meu pai, vendo-me com esse livro na

mão, fez alguns comentários de passagem: mencionou Himmler, o chefe da ss, e seu braço direito, Heydrich, protetor da Boêmia-Morávia. Falou-me de um comando tchecoslovaco enviado por Londres, e desse atentado. Ele não conhecia os detalhes (e na época eu não tinha razões para lhe perguntar, esse acontecimento histórico ainda não ocupara o lugar que agora ocupa no meu imaginário), mas percebi aquela leve excitação que o caracteriza quando conta (em geral pela centésima vez, pois, por deformação profissional ou simples tendência natural, gosta de repetir-se) alguma coisa que o impressionou de uma maneira ou de outra. Não creio que ele mesmo tenha tido alguma vez consciência da importância que dava a essa anedota, pois, quando lhe falei recentemente da minha intenção de escrever um livro sobre o assunto, notei somente uma curiosidade polida, sem sinal de emoção particular. Mas sei que essa história sempre o fascinou, mesmo se não produziu nele uma impressão tão forte quanto em mim. É também para devolver-lhe isso que empreendo este livro: os frutos de algumas palavras dispensadas a um adolescente por esse pai que, na época, ainda não era professor de história, mas que, em algumas frases mal torneadas, sabia contá-la bem.

A História.

3

Bem antes da separação dos dois países, eu já fazia, quando criança e graças ao tênis, a distinção entre tchecos e eslovacos. Por exemplo, sabia que Ivan Lendl era tcheco, enquanto Miroslav Mecir era eslovaco. E se Mecir, o eslovaco, era um jogador mais imaginativo, mais talentoso e mais simpático do que o tcheco Lendl, laborioso, frio, antipático (mas mesmo assim o número um mundial durante 270 semanas, recorde batido apenas por

Pete Sampras com 286 semanas), também fiquei sabendo por meu pai que, durante a guerra, os eslovacos haviam colaborado, enquanto os tchecos haviam resistido. Na minha cabeça (cuja capacidade de perceber a espantosa complexidade do mundo era então muito limitada), isso significava que todos os tchecos tinham sido resistentes e todos os eslovacos colaboracionistas, como por natureza. Em nenhum instante pensei no caso da França, que no entanto colocava em causa esse esquematismo: não havíamos, nós, franceses, ao mesmo tempo resistido e colaborado? Na verdade, foi somente ao saber que Tito era croata (portanto, nem todos os croatas haviam colaborado, e por isso talvez nem todos os sérvios haviam resistido) que comecei a ter uma visão mais clara da situação da Tchecoslováquia durante a guerra: de um lado havia a Boêmia-Morávia (a República Tcheca atual) ocupada pelos alemães e anexada ao Reich (isto é, tendo o pouco invejável estatuto de *protetorado* e considerada como parte integrante da Grande Alemanha); de outro havia o Estado eslovaco, teoricamente independente, mas transformado em satélite pelos nazistas. Isso em nada prejulgava, evidentemente, o comportamento de cada um.

4

Quando cheguei a Bratislava em 1996, antes de ir lecionar como professor de francês numa academia militar da Eslováquia oriental, uma das primeiras coisas que perguntei ao secretário do adido de Defesa da embaixada (depois de notícias de minhas bagagens que haviam se extraviado para Istambul) foi sobre essa história do atentado. Ex-agente especializado em escutas telefônicas na Tchecoslováquia e reconvertido à diplomacia desde o final da guerra fria, esse homem deu-me os primeiros detalhes do caso.

Antes de mais nada, foram dois que participaram: um tcheco e um eslovaco. Fiquei contente de saber que alguém originário do país que me acolhia fizera parte da operação (e que, portanto, houve resistentes eslovacos). Sobre o desenrolar da própria operação, pouca coisa, a não ser que uma das armas travou no momento de atirar contra o carro de Heydrich (e na mesma ocasião fiquei sabendo que Heydrich estava de carro no momento do atentado). Mas foi sobretudo a sequência que aguçou minha curiosidade: como os dois *partisans* se refugiaram numa igreja e como os alemanes tentaram pegá-los lá... História estranha. Eu queria mais detalhes. Mas o secretário do adido não sabia muito mais.

5

Pouco tempo depois da minha chegada à Eslováquia, conheci uma belíssima jovem eslovaca por quem me apaixonei perdidamente e com quem viveria uma história passional que haveria de durar cerca de cinco anos. Foi por ela que pude obter informações suplementares. O nome dos protagonistas, em primeiro lugar: Jozef Gabčík e Jan Kubiš. Gabčík era o eslovaco e Kubiš o tcheco — pela consonância de seus respectivos sobrenomes, não pode haver engano. Os dois homens, em todo caso, pareciam ser parte integrante da paisagem histórica: Aurélia, a jovem em questão, aprendera o nome deles na escola, como todas as crianças tchecas e todas as crianças eslovacas da sua geração, acredito. Quanto ao resto, ela conhecia o episódio em linhas gerais, mas não muito mais do que o secretário do adido. Precisei esperar dois ou três anos para realmente tomar consciência do que sempre havia suspeitado: que essa história ultrapassava em romanesco e em intensidade as mais improváveis ficções. E isso eu descobri quase por acaso.

Eu havia alugado para Aurélia um apartamento situado no centro de Praga, entre o castelo de Vyšehrad e Karlovo náměstí, a praça Carlos. Ora, dessa praça sai uma rua, Resslova ulice, que alcança o rio, lá onde se encontra esse estranho prédio de vidro que parece ondular nos ares e que os tchecos chamam “Tančicí Dům”, a casa que dança. Nessa rua Resslova, na calçada à direita de quem desce, há uma igreja. No flanco dessa igreja, um respiradouro em torno do qual se podem ver na pedra numerosos impactos de balas e uma placa que menciona, entre outras coisas, os nomes de Gabčík e de Kubiš, bem como o de Heydrich, a quem o destino deles está doravante ligado para sempre. Passei dezenas de vezes diante desse respiradouro sem notar nem os impactos nem a placa. Mas um dia me detive: eu havia encontrado a igreja onde os paraquedistas se refugiaram depois do atentado.

Voltei com Aurélia numa hora em que a igreja estava deserta e pudemos visitar a cripta.

Na cripta havia tudo.

6

Havia traços ainda terrivelmente recentes do drama que terminou nesse lugar, mais de sessenta anos atrás: no lado interno do respiradouro visto da rua, um túnel cavado em alguns metros, impactos de balas nas paredes e no teto curvado, duas pequenas portas de madeira. Mas havia também os rostos dos paraquedistas em fotos, num texto redigido em tcheco e em inglês, o nome de um traidor, um impermeável, uma sacola, uma bicicleta reunidos junto a um cartaz, havia uma submetralhadora Sten que trouvou no pior momento, havia mulheres evocadas, havia imprudências mencionadas, havia Londres, havia a França, havia os

legionários estrangeiros, havia um governo no exílio, havia uma aldeia chamada Lídice, havia um jovem de atalaia chamado Valčík, havia um bonde que passa, ele também, no pior momento, havia uma máscara mortuária, havia uma recompensa de dez milhões de coroas para aquele ou aquela que denunciasse, havia cápsulas de cianureto, havia granadas e homens para lançá-las, havia estações de rádio e mensagens codificadas, havia um entorse no tornozelo, havia a penicilina que só podia ser obtida na Inglaterra, havia uma cidade inteira sob o controle daquele que denominavam “o carrasco”, havia bandeiras com a suástica e insígnias de caveira, havia espiões alemães que trabalhavam para a Inglaterra, havia um Mercedes preto com um pneu furado, havia um motorista, havia um homem sanguinário, havia dignitários ao redor de um ataúde, havia policiais inclinados sobre cadáveres, havia represálias terríveis, havia a grandeza e a loucura, a fraqueza e a traição, a coragem e o medo, a esperança e a tristeza, havia todas as paixões humanas reunidas em poucos metros quadrados, havia a guerra e havia a morte, havia judeus deportados, famílias massacradas, soldados sacrificados, havia vingança e cálculo político, havia um homem que, entre outras coisas, tocava violino e praticava esgrima, havia um serralheiro que nunca pôde exercer seu ofício, havia o espírito da Resistência que se gravou para sempre naquelas paredes, havia os vestígios da luta entre as forças da vida e as da morte, havia a Boêmia, a Morávia, a Eslováquia, havia toda a história do mundo contida em algumas pedras.

Havia setecentos ss do lado de fora.

Navegando pela internet, descobri a existência de um filme, intitulado *Conspiração*, no qual Kenneth Branagh faz o papel de

Heydrich. Por cinco euros, incluído o frete, me apressei a encorajar o DVD, que chegou em três dias.

Trata-se de uma reconstituição da conferência de Wannsee durante a qual, em 20 de janeiro de 1942, Heydrich, assistido por Eichmann, fixou em algumas horas as modalidades de aplicação da Solução Final. Nessa data, as execuções em massa já haviam começado na Polônia e na União Soviética, mas confiadas aos comandos de extermínio SS, os Einsatzgruppen, que se contentavam em reunir suas vítimas às centenas ou mesmo aos milhares, geralmente num campo ou numa floresta, antes de abatê-las à metralhadora. O problema desse método é que ele submetia os nervos dos carrascos a uma rude prova e prejudicava o moral das tropas, mesmo tão endurecidas quanto o SD ou a Gestapo — o próprio Himmler desmaiaria ao assistir a uma dessas execuções em massa. Posteriormente os SS passaram a asfixiar suas vítimas em caminhões abarrotados, para o interior dos quais viravam o cano de escapamento, mas continuava sendo uma técnica relativamente artesanal. Depois de Wannsee, o extermínio dos judeus, confiado por Heydrich aos cuidados do seu fiel Eichmann, foi administrado como um projeto logístico, social, econômico, de grande envergadura.

A interpretação de Kenneth Branagh é bastante fina: ele consegue conjugar uma afabilidade extrema com um autoritarismo imperioso, o que torna seu personagem muito inquietante. Contudo, não li em parte alguma que o verdadeiro Heydrich soubesse dar prova de amabilidade, real ou fingida, em qualquer circunstância que fosse. Mesmo assim, uma cena muito breve do filme restitui bem o personagem na sua dimensão ao mesmo tempo psicológica e histórica. Dois dos participantes discutem à parte. Um segreda ao outro que ouviu dizer que Heydrich tinha origens judaicas e lhe pergunta se esse rumor tem fundamento. O segundo responde maldosamente: “Por que não fazer a pergunta diretamente a ele?”. O primeiro empalidece só de pensar

nisso. Ora, de fato um rumor tenaz de que seu pai seria judeu perseguiu por muito tempo Heydrich e envenenou sua juventude. Parece que o rumor era infundado, mas, se não o fosse, Heydrich, enquanto chefe dos serviços secretos do Partido Nazista e da ss, teria podido sem dificuldade fazer desaparecer todo traço suspeito na sua genealogia.

Seja como for, não é a primeira vez que o personagem de Heydrich terá sido levado às telas, pois menos de um ano depois do atentado, já em 1943, Fritz Lang rodava um filme de propaganda intitulado *Os carrascos também morrem* a partir de um roteiro de Bertolt Brecht. Esse filme reconstituía os acontecimentos de forma totalmente fantasiosa (Fritz Lang por certo ignorava como as coisas realmente se passaram e, mesmo se soubesse, não correria o risco de divulgá-las durante a guerra, naturalmente), mas bastante engenhosa: Heydrich era assassinado por um médico tcheco, membro da Resistência interna, que encontrou refúgio na casa de uma jovem cujo pai, um universitário, era arrebanhado pelo ocupante com outras personalidades locais e ameaçado de execução em represália, se o assassino não se denunciasse. A crise, tratada de forma extremamente dramática (é o dedo de Brecht, sem dúvida!), tem seu desfecho quando a Resistência consegue fazer pagar pelo crime um traidor colaboracionista, cuja morte encerra o caso e o filme. Na realidade, nem os *partisans* nem a população tcheca saíram assim, sem grandes perdas, desse episódio.

Fritz Lang escolheu representar Heydrich, de forma bastante grosseira, como um perverso efeminado, um completo degenerado que maneja um chicote para sublinhar ao mesmo tempo sua ferocidade e seus costumes depravados. É fato que o verdadeiro Heydrich passava por ser um tarado sexual e emitia uma voz de falsete que contrastava com o resto da figura, mas sua arrogância, sua rigidez, seu perfil de ariano absoluto nada tinham a ver com a criatura que se requebra no filme. Na verdade, se quiséssemos bus-

car uma representação um pouco mais parecida, seria proveitoso rever *O ditador* de Chaplin: ali vemos Hinkel, o ditador, flanqueado de dois esbirros, um deles gordo, adiposo, que tem manifestamente Göring por modelo, e um outro alto e magro, bem mais astuto, frio e rígido: este não é Himmler, de bigodinho e cara de fuinha, mas antes Heydrich, seu perigoso braço direito.

8

Pela centésima vez voltei a Praga. Acompanhado de uma outra jovem, a esplêndida Natacha (esta francesa, apesar do nome: filha de comunistas, como todos nós), returnei à cripta. No primeiro dia ela estava fechada por motivo de festa nacional, mas defronte, eu não havia reparado antes, há um bar que se chama Aos Paraquedistas. No interior as paredes estão cobertas de fotos, documentos, afrescos e cartazes relativos ao caso. Ao fundo, uma grande pintura mural representa a Grã-Bretanha, com pontos que indicam as diferentes bases militares onde os comandos do Exército tcheco no exílio se preparavam para suas missões. Bebi uma cerveja com Natacha.

No dia seguinte voltamos no horário de expediente e mostrei a cripta a Natacha, que tirou algumas fotos a meu pedido. Um pequeno filme era projetado no hall, reconstituindo o atentado: tentei identificar o local do drama para ir até lá, mas é longe do centro da cidade. Os nomes das ruas mudaram, tive dificuldade de situar com precisão o lugar exato do ataque. Ao sair da cripta peguei um folheto bilíngue que anunciava uma exposição intitulada “Atentát” em tcheco, “Assassination” em inglês. Entre os dois títulos, uma foto mostrava Heydrich cercado de oficiais alemães e de seu braço direito local, o sudeto Karl Hermann Frank, todos em uniforme de gala, subindo uma escadaria revestida de

lambris. No rosto de Heydrich, um círculo vermelho fora impresso. A exposição se realizava no museu do Exército, não longe de Florenc, a estação de metrô, mas não havia indicação de data (somente os horários de abertura do museu eram mencionados). Fomos até lá no mesmo dia.

À entrada do museu, uma simpática senhora bastante idosa nos acolheu com solicitude: parecia feliz de ver visitantes e nos convidou a percorrer as diferentes galerias do prédio. Mas somente uma me interessava, eu lhe apontei: aquela cuja entrada era decorada por uma enorme ilustração que anunciava, à maneira de um cartaz de filme de horror hollywoodiano, a exposição sobre Heydrich. Perguntei-me se essa exposição era permanente. Em todo caso era gratuita, como o resto do museu, e a simpática senhora, que quis saber nossa nacionalidade, nos entregou um fascículo de acompanhamento em inglês (ela ficou chateada por poder nos propor apenas inglês ou alemão).

A exposição ultrapassou todas as minhas expectativas. Ali havia realmente tudo: além de fotos, cartas, cartazes e documentos diversos, vi as armas e objetos pessoais dos paraquedistas, seus dossieres feitos pelos serviços ingleses, com notas, apreciações, avaliações das competências, o Mercedes de Heydrich, com seu pneu furado e o buraco na porta traseira direita, a carta fatal do amante à sua amada que foi a causa do massacre de Lídice, ao lado dos respectivos passaportes com a foto, e uma quantidade de outros vestígios autênticos e perturbadores do que se passou. Tomei notas febrilmente, mesmo sabendo que havia muito mais nomes, datas, detalhes. Ao sair, perguntei à simpática senhora se era possível comprar o fascículo que ela me entregara para a visita, no qual todas as legendas e comentários da exposição eram retranscritos: ela me disse que não, com um ar desolado. A brochura, muito bem-feita e composta de maneira artesanal, claramente não se destinava à comercialização. Vendo-me perplexo, e certa-

mente tocada por meus esforços de balbuciar frases em tcheco, a simpática senhora acabou por tomar-me o fascículo das mãos e, com um ar decidido, o enfiou na bolsa de Natacha. Fez um sinal para nos calarmos e partirmos. Agradecemos com efusão. É verdade que, considerando o número de visitantes do museu, o fascículo com certeza não fará falta a ninguém. Mesmo assim foi uma grande gentileza. Dois dias depois, uma hora antes da partida do nosso ônibus para Paris, returnei ao museu para oferecer chocolates a essa simpática senhora que, muito confusa, não quis aceitá-los. É tal a riqueza do fascículo que ela me ofereceu que, sem ele — e portanto sem ela —, este livro certamente não teria a forma que terá agora. Lamento não ter ousado perguntar-lhe o nome, para poder um pouco mais solenemente agradecer de novo aqui.

9

Quando cursava o segundo grau, Natacha participou por dois anos seguidos do concurso da Resistência, e nas duas vezes se classificou em primeiro lugar, o que, ao que eu saiba, nunca acontecia antes e nunca aconteceu depois. Essa dupla vitória lhe permitiu, entre outras coisas, ser a porta-bandeira numa cerimônia comemorativa e visitar um campo de concentração na Alsácia. Ora, durante o trajeto de ônibus, estava sentado a seu lado um ex-resistente que se afeiçou por ela. Ele lhe emprestou livros, documentos, mas depois se perderam de vista. Dez anos mais tarde, quando me contou essa história com a culpa que se pode imaginar, pois ela continuava de posse dos documentos emprestados e não sabia sequer se seu resistente ainda vivia, eu a incitei a retomar contato e, embora ele tivesse se mudado para o outro extremo da França, encontrei sua pista.

Foi assim que fomos visitá-lo, numa bela casa pintada de

branco, para os lados de Perpignan, onde ele se instalara com a mulher.

Degustando um vinho moscatel, nós o ouvimos contar como entrou na Resistência, como se tornou um maqui, quais eram suas atividades. Em 1943, ele tinha dezenove anos e trabalhava na leiteria de um tio que, de origem suíça, falava alemão, de modo que os soldados que vinham se abastecer habituaram-se a ficar um pouco mais, conversando com alguém que falava sua língua. De início pediram-lhe se podia colher informações interessantes nas frases trocadas pelos soldados com o tio, sobre movimentos de tropas, por exemplo. Depois o encarregaram dos lançamentos em paraquedas, isto é, ele ajudava a recuperar caixas de material lançadas à noite por aviões aliados. Por fim, quando chegou à idade de ser requisitado pelo Serviço de Trabalho Obrigatório e, portanto, com o risco de ser enviado à Alemanha, tornou-se propriamente um maqui, tendo servido em unidades de combate e participado da libertação da Borgonha, aparentemente de forma ativa, pelo número de alemães que disse ter matado.

Eu estava sinceramente interessado em sua história, mas esperava também saber alguma coisa que pudesse ser útil para o meu livro sobre Heydrich. O quê, exatamente, não fazia a menor ideia.

Perguntei-lhe se tinha seguido alguma instrução militar após entrar no maqui. Nenhuma, ele me disse. Posteriormente ensinaram-lhe a manejar uma metralhadora pesada e ele teve algumas sessões de treinamento: desmontagem e remontagem de olhos vendados, exercícios de tiro. Mas logo de início puseram-lhe uma submetralhadora nas mãos e foi tudo. Uma submetralhadora inglesa, uma Sten. Arma absolutamente não confiável, ao que parece: bastava bater com a coronha no chão para esvaziar todo o carregador nos ares. Uma porcaria. “A Sten era uma verdadeira merda, não há outro qualificativo.”

Uma verdadeira merda, vejam só...